

Affonso inicia articulações

FLAMARION MOSSRI

BRASÍLIA — O senador e ex-ministro Affonso Camargo (PTB-PR) está executando, no Congresso, o seu mais recente projeto: o vale-governabilidade. Candidato à Presidência, Affonso só teve 0,52% dos votos, ficando no 11º lugar. De volta à sua especialidade — a articulação de bastidores —, ele começa a ser apontado como “homem de confiança”, no Senado, de Fernando Collor de Mello, ocupando um lugar que, imaginava-se, caberia ao candidato a vice do PRN, senador Itamar Franco.

A intenção de Affonso, que anunciou seu apoio formal a Collor já no dia 16 de novembro, não é conseguir apoios e votos para o candidato, mas para o eventual presidente. Por isso, ao procurar senadores e deputados de partidos e candidatos diferentes, Affonso não pede votos, mas “garantias de governabilidade” para Collor. O ex-candidato do PTB já conversou com o presidente do PFL, Hugo Napoleão (PI), e com o líder do PMDB no Senado, Jutahy Magalhães (BA). Em comum, os dois optaram pela neutralidade no segundo turno. Não foram procurados nem pretendem pro-

curar diretamente Collor, mas não se recusam a conversar com Affonso.

“O objetivo é dar condições de governabilidade ao futuro presidente e, também, preparar o terreno político-institucional para as eleições de 90”, disse Affonso para Napoleão, num encontro no próprio Senado. “Para garantir a estabilidade democrática, disponho-me a colaborar com o governo Collor, se for o caso, no Congresso”, respondeu Napoleão.

Em conversa reservada, há dias, Collor lamentou a neutralidade do senador Jutahy Magalhães, filho do ex-governador e ex-ministro Juracy Magalhães. Agora, quem está aproximando Jutahy e Collor é também Affonso Camargo.

Ele conversa habitualmente, ainda, com os senadores Jorge Bornhausen (SC) e José Agripino Maia (RN), ambos do PFL. Bornhausen ficou com o liberal Afif Domingos no primeiro turno e Agripino está com Collor

desde o início. Os três pretendem fazer no Senado o que o líder do PRN, Renan Calheiros, já faz há tempo na Câmara: articular uma maioria parlamentar a partir da posse do futuro presidente. Se ele for Fernando Collor de Mello, é claro.

PESSIMISMO

O candidato a vice de Collor, senador Itamar Franco, que enfrenta problemas políticos com a vice-governadora de Minas, Júnia Marise, exatamente por causa da coordenação da campanha, fez ontem, em Belo Horizonte, uma avaliação surpreendentemente pessimista do desempenho do candidato no segundo turno. Contrariando as pesquisas de opinião, ele chegou a dizer que teme que Collor não alcance no segundo turno nem mesmo a votação obtida no primeiro. O eleitorado “é livre e independente”, disse, “o que dificulta qualquer previsão”. E concluiu: “Se o governo não tiver o perfil do Congresso, comprometido com a mudança da ordem econômica e social, estará liquidado”. Itamar preferiu não dizer o que fará caso o governo de Collor se distancie dessa característica: “Se ele não cumprir o que prometeu, vamos ver depois”.



Edu Garcia/AE-30/8/89

Itamar: sem previsão sobre a votação de Collor no 2º turno